



INTERVENÇÃO ANTI NAZIFASCISTA

Francisco Guilherme Camilo de Souza ¹

Francisco Eliabio Teixeira Martins ²

Mateus de Oliveira Pinheiro³

RESUMO

O presente relato de experiência tem como foco a análise das intervenções realizadas, em 2023, pelos bolsistas do PIBID na escola vinculada ao projeto, com o fito de discutir o nazifascismo na realidade escolar a partir de uma perspectiva sociológica e propor ações de combate, dado que tivemos nesta escola casos de estudantes de 1º e 2º anos realizando símbolos em apologia ao nazismo nas aulas, especialmente nas aulas de ciências humanas. Além de ser crime no Brasil pela Lei 7.716/1989, ficamos interessados sociologicamente em compreender quais juventudes são essas e o que pensam acerca do assunto tão caro aos Direitos Humanos. Para isso, o conceito de Imaginação Sociológica se faz importante como ferramenta capaz de conscientizar e fomentar o pensamento crítico acerca dos acontecimentos históricos referentes a movimentos antidemocráticos, tais quais os regimes nazifascistas, visando um engajamento da classe estudantil. Como metodologia para o desenvolvimento das ações de ensino, nos inspiramos na didática histórico-crítica de Gasparin e uma pesquisa analítica-empírica feita durante os meses em que ocorreram as intervenções. Como resultado, as turmas apresentaram uma participação profícua referente ao que esperávamos, possibilitando um debate entre bolsistas e discentes, tornando a temática das aulas e intervenções mais palpáveis para relacionar com as vivências dos (as) mesmos (as). Assim, parte dos (as) estudantes conscientizou-se acerca da seriedade da temática, fazendo com que repensem piadas, discursos, símbolos e comportamentos.

Palavras-chave: Nazifascismo, imaginação sociológica e escola.

¹ Graduando do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Ceará - UFC, Fcoguilhermedesouza@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Ceará - UFC, Eliabemartins@alu.ufc.br;

³ Graduando do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Ceará - UFC, Mateuzdeoliveira@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Enquanto bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), observamos na escola em que estávamos situados, que nas turmas de 1º e 2º ano de Ensino Médio, alguns alunos faziam piadas, gestos e desenhos com apologia ao regime nazifascista⁴ nas aulas das disciplinas de ciências humanas. Logo, sentimos a necessidade de realizar atividades de conscientização acerca do trágico ocorrido histórico com o intuito de estimular a imaginação sociológica dos (as) estudantes, problematizando os pensamentos e ações do movimento histórico antidemocrático a partir do cotidiano dos estudantes.

As turmas que apresentamos a proposta de intervenção, eram constituídas em sua maioria por estudantes negros, fato que nos espantou de início, pois a proposta de intervenção teve como um de seus objetivos conscientizar os estudantes das ideias de extermínio do regime nazista alemão, que não se restringia a Judeus, e que, pessoas pretas, ciganas, homossexuais, por serem não-arianos, eram caçados torturados e mortos. Dessa forma, abordar como o racismo perpassa todo o ideal nazifascista se tornou não só pertinente, mas, sim, contexto para o desenvolvimento da própria intervenção.

REFERENCIAL TEÓRICO

Tomamos como fio tecedor de nossa abordagem, a perspectiva didático-pedagógica histórico-crítica, formulada por SAVIANI (1989):

Esse é o sentido básico da expressão pedagogia histórico-crítica. Seus pressupostos, portanto, são os da concepção dialética da história. Isso envolve uma possibilidade de se compreender a educação escolar tal como ela se manifesta no presente, mas entendida essa manifestação presente como resultado de um longo processo de transformação histórica ferramenta de análise das relações sociais, a Imaginação Sociológica e método de pesquisa próprio das Ciências Sociais, a Observação participante. (Saviani, 1989, p.80).

⁴ Refere-se a aspectos ideológicos compartilhados entre o fascismo italiano e o nazismo alemão em ascensão na segunda guerra, perpetrando um dos, se não o maior, horror da história, o holocausto.



Arelado ao conceito de *imaginação sociológica*, cunhado por Wright Mills⁵, compreende-se uma das principais ferramentas do sociólogo para desnaturalizar os fenômenos sociais do cotidiano. Trata-se da capacidade de perceber que problemas aparentemente individuais estão, na verdade, ligados a estruturas mais amplas, possibilitando compreender os acontecimentos a partir de uma perspectiva histórica, social e crítica. A imaginação sociológica, portanto, rompe com explicações meramente pessoais e abre caminho para analisar como fatores econômicos, políticos e culturais moldam as experiências e dilemas da vida social.

Assim como a *observação participante*⁶, por ser método de análise das relações internas dentro da escola, especificamente no contato entre bolsistas e alunos na sala de aula, principal ambiente de atuação onde o distanciamento e a aproximação foram pressupostos do projeto no processo de observar a escola em sua integridade, desde os seus problemas internos de infraestrutura ou escassez de material à relação da escola com o bairro ao seu redor e suas problemáticas, condições externas que não só interferem na dinâmica da escola como constituem o corpo discente em suas contradições.

METODOLOGIA

1) Aula como Intervenção

Nossa intervenção intitulada de “anti-nazifacista” foi organizada em três atividades realizadas nos meses de agosto, setembro e outubro, respectivamente. Se distribuíram por meio de aulas, apresentação e debate de um filme, confecção e exposição de cartazes. No mês de agosto, iniciamos nossas atividades com uma aula que abordava os principais aspectos do período histórico do regime nazifascista, proporcionando espaço para esclarecimento de dúvidas e debate entre os discentes. Em setembro, apresentamos o filme “Jojo Rabbit”⁷, escolhido por sua abordagem lúdica da temática nazifascista, o que

⁵ Consultar a obra “MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.”.

⁶ Termo cunhado por Howard Becker e Branca Geer, em: “Participant observation and interviewing: a comparison. In: McCall, J. G; Simmons, J. L. (Ed) Issues in participant observation: a text and reader.”.

⁷ Lançado em 2019, conta a história de Jojo, membro da juventude hitlerista, tendo como “amigo imaginário” Hitler. O filme ganha seu momento de tensão quando Jojo descobre que sua mãe esconde uma garota judia em sua casa.

permitiu mais discussões em sala de aula. Já em outubro, encerramos nossa intervenção anti-nazifascista com uma dinâmica diferente: uma oficina de criação de cartazes, na qual os estudantes se engajaram e participaram ativamente. Nosso objetivo era estimular a criatividade e a imaginação sociológica. Nesse sentido, utilizamos da pedagogia histórico-crítica para nortear nossa prática pedagógica, assim, analisar criticamente o que os (as) discentes apresentam enquanto percepção da realidade permeada por suas experiências sensíveis, é parte crucial do nosso plano de ação - plano de ação enquanto todas as atividades, pois a partir daí poderíamos trilhar uma abordagem pedagógica de maior eficácia, levando em consideração a agência deles nesse ambiente possível de mudança. Dessa forma, o pano de fundo do desenvolvimento da presente pesquisa é, substancialmente, a análise realizada pelos próprios discentes sobre a conexão do conteúdo com a sua realidade cotidiana e o que fariam eles (elas) a partir desse entendimento prévio do assunto aludido, pois, para além de uma exposição didática dos acontecimentos históricos, um projeto político-pedagógico se fez necessário para subvertermos essas ações, gestos, apologias, piadas, que relativizam o horror do nazifascismo.

Como resultado do nosso primeiro encontro, surpreendentemente, houve um bom engajamento das turmas, propiciando um debate profícuo. Separamos as turmas em equipes para debatermos junto aos discentes algumas imagens⁸ contidas nos slides, que apresentavam relação ao tema nazifascismo. Por exemplo, exibimos fotos de judeus trabalhando em condições insalubres nos campos de concentração, imagens de uma pichação com frases racistas e símbolos da suástica nazista na parede de uma instituição de Ensino superior no Brasil e imagens de duas torcidas organizadas de futebol que são engajadas em questões de cunho social, “Resistência Tricolor” e “Vozão Antifa”. Posteriormente, oferecemos um tempo de aproximadamente 10 minutos para que os alunos conversassem com suas respectivas equipes sobre o que sentiam ao ver aquelas imagens. Ao passo que, nos disponibilizamos para auxiliá-los no desenvolvimento da análise que tinham, contribuindo com explicações referentes ao contexto histórico da época e o exercício do imaginário sociológico. Após o tempo disponibilizado para reflexão acerca das imagens, discutimos juntamente com a turma as imagens centradas no slide. Também utilizamos trechos de páginas de uma História em

⁸ Acesse em: <https://drive.google.com/drive/folders/1F6bfDjEQeHi820e7zbwM9P0c4oQ2oW9W?hl=pt-br>



Quadrinhos, “Maus”, que trata sobre a temática do Nazismo para realizar essa aproximação dos alunos. Retrata a história de um dos sobreviventes do processo de extermínio de Judeus, tendo como ápice o holocausto, escrita pelo filho do sobrevivente, um escritor, que se vê entusiasmado e perturbado pela maneira de como seu pai retrata ter acontecido, com cenas do passado e presente da sua vida. A narrativa se constrói, desafiando o leitor, no caso, essa turma, a reinterpretar esse acontecimento histórico, agora, criticamente e de uma forma mais aproximada. Assim, por seu caráter “lúdico”, a obra corroborou para o envolvimento dos discentes, como para elucidar que questões tão complexas podem ser trabalhadas de várias formas, por diversos ângulos, mas que, certamente, são significativas nesse meio. *Maus* trouxe bastante reflexão devido a obra ser simples e bastante metafórica. Alguns alunos (as) não tinham ideia de que os campos de concentração realmente fizeram parte da realidade da Segunda Guerra Mundial, e que, na verdade, era algo “fictício”. Uma aluna de uma das turmas em específico, chegou a citar: “Eu vi um filme chamado O Menino do Pijama Listrado passado pelo meu professor de História e tinha esses campos de concentração, mas não sabia que isso realmente tinha existido, onde isso aconteceu?” Nós, bolsistas, assim como aproveitamos as emoções causadas pelas imagens dos times, aproveitamos para mostrar através de imagens e da própria história em quadrinhos, que os acontecimentos do nazifascismo eram realidade, e foram muito além dos campos de concentração, e se permeiam até hoje.

2) Atividades realizadas no mês de setembro (CINEPIBID)

Levando em consideração as atividades realizadas no mês de agosto, observamos que os casos de apologia ao nazismo na escola reduziram aproximadamente em 55%, de 11 casos para 5. Dessa forma, decidimos ampliar o escopo de práticas na instituição de ensino, aderindo à realização de uma iniciativa realizada pela bolsa que fazemos parte, chamada CINEPIBID. Essa atividade, tem como objetivo tratar ludicamente problemáticas que perpassam o campo das Ciências Sociais na exposição de filmes que abordam temáticas sensíveis. Geralmente, esse momento de partilha acontece entre os próprios membros do PIBID, com o objetivo de levar a discussão proporcionada pelo filme para o contexto de sala de aula. Assim, aderimos esse recurso audiovisual para ser levado para o colégio, pois, é uma



via alternativa de apresentarmos essas mesmas problemáticas que são de interesse do segmento das ciências sociais em um formato que tenha mais aderência e aceitação do público estudantil, já que são um tipo de mídia e de entretenimento que os jovens consomem no seu tempo livre e de lazer. Com base nisso, levamos o CINEPIBID para a escola, considerando as problemáticas específicas que foram perpassadas no ambiente escolar em que estávamos inseridos.

O filme escolhido foi Jojo Rabbit que narra a história de Jojo Betzler, um jovem alemão nazista durante a Segunda Guerra Mundial. Ele é tão adepto do movimento que seu amigo imaginário é Adolf Hitler. No entanto, tudo muda quando ele descobre que sua mãe está escondendo uma garota judia em casa. Esse encontro desafia suas convicções e preconceitos, fazendo-o repensar sua lealdade ao nazismo e sua visão de mundo. "Jojo Rabbit" combina elementos de comédia, drama e sátira política, explorando temas como fanatismo, perda da inocência e humanidade em tempos de guerra. Após a exposição do filme, promovemos uma discussão colocando em consideração o enredo do longa metragem com os acontecimentos nazifascistas ao longo da história, e, avaliamos um bom engajamento e participação dos estudantes nesses debates, em que, pudemos esclarecer dúvidas recorrentes que o corpo discente apresentava, como elucidar que mesmo sendo piada ou “simples gestos”, apologia ao nazismo é crime conforme a Lei 7.716/1989. Além de, ter desencadeado pautas paralelas ao nosso objetivo proposto, mas que também está associada a nossa intervenção anti-nazifascista, como questionamentos que vieram por parte dos estudantes, por exemplo: “Existe limite para o humor?”, “Se existe liberdade de expressão, eu posso opinar ou fazer piadas sobre qualquer tema sensível, sem sofrer consequências legais ou morais”, “Se uma pessoa simpatizante ao regime nazifascista não pode fazer apologia ao que defende, então ele está sendo censurado, não é?”, “Toda censura é ruim, logo censurar um nazista de defender o que acredita, é errado!”. Essas e outras colocações, nos fizeram perceber a responsabilidade que temos como futuros professores de sociologia no que tange a uma abordagem crítica, para que indagações tão comuns como essas que vimos, sejam sanadas e esclarecidas quando surgirem. Contudo, mesmo com essas ressalvas, avaliamos um impacto positivo da nossa intervenção no mês de setembro, seja pela diminuição de casos reincidentes de apologia ao nazismo ou por observamos um pensamento mais crítico acerca do tema por parte dos alunos.





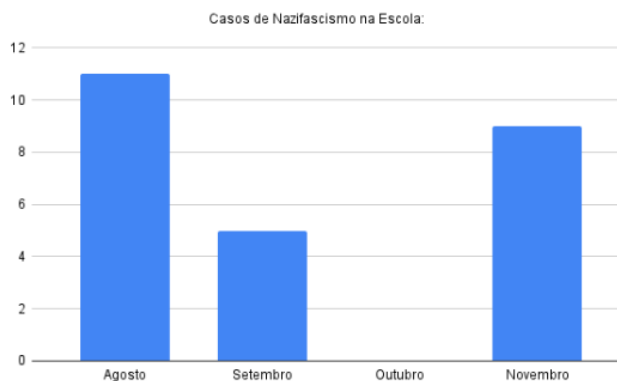
3) Atividade Realizada no Mês de Outubro (Oficina de Cartazes)

O mês de outubro indicou que nossas práticas obtiveram êxito, visto que os casos de apologia ao nazismo na escola reduziram para zero, com a aula e a exposição junto ao debate do filme Jojo Rabbit. Para finalizar nossa última atividade na intervenção anti-nazifascista, resolvemos fazer uma dinâmica diferente para os estudantes, através da realização de uma oficina de cartazes em que eles tiveram um bom engajamento e uma participação mais ativa. Nossa ideia tinha como norte fazer com que os discentes estimulassem a criatividade e a Imaginação Sociológica (MILLS, 1969) através da realização de cartazes, jornais, revistas e colagens. Discorrendo sobre as características históricas do regime nazifascista europeu atrelando a veículos de mídias do seu interesse, partindo de uma análise crítica. Um caso pertinente a ser ressaltado, foi a criação de um jornal escolar de uma turma de segundo ano em que se era notório não apenas o valor teórico e crítico do trabalho, mas também a faceta estética feita pela equipe.

4) RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as intervenções, os bolsistas, acompanhados dos professores de ciências humanas da escola, decidiram mapear a quantidade de casos de atitudes que aludiam ao nazifascismo, a contagem era feita a partir de denúncias nas salas dos professores. Após isso, em todo final de mês, na sala dos professores ou na biblioteca da escola, onde ocorriam as reuniões de núcleo os bolsistas se reuniam acompanhado da professora supervisora do PIBID e em reuniões específicas, acompanhadas também de professores (a) de disciplinas de humanidades para fazer as análises dos casos que ocorriam e qual era a recorrência das atitudes nazifascistas presente no ambiente escolar.





Fonte: Pesquisa elaborada pelos bolsistas do PIBID em colaboração com a professora supervisora, em 2023.

Percebe-se uma queda de 55% dos casos que endossam ou apoiam características nazifascistas quando comparado ao mês de agosto com o mês de setembro, através disso, propomos intervenções que não se resumiam apenas em aulas temáticas dentro da sala. Durante o aparecimento de casos no mês de setembro, traçamos outras estratégias para aplicarmos durante os meses de outubro, novembro e dezembro. Com as práticas ampliadas que foram relatadas durante a sessão de metodologia supracitada, fica perceptível o sucesso das práticas anti-nazifascistas que se fizeram presentes na escola. A efetividade dos números pode se dar pela ampliação de ações que alcançaram o âmbito não só da sala de aula, mas também pela inclusão do aluno como modificador da realidade do espaço que ele compõe, que é a escola. Quando o corpo discente começa a participar efetivamente das ações, não só como um mero ouvinte, mas sim, porque ele pode ajudar a construir uma escola anti-nazifascista, compreendendo melhor a importância de não banalizar e nem reproduzir tais atos.

No último mês da pesquisa, ficou perceptível um aumento de casos que fazem apologia ao nazifascismo de zero para nove. Esses acontecimentos ocorreram durante palestras, aulas ou eventos que falavam sobre o Novembro Negro. Por novembro ser o mês do orgulho preto, as atividades anti-nazifascista foram diminuídas para focar mais na pauta da valorização do povo preto.





Com isso, alunos específicos se aproveitaram dos eventos da consciência negra, para proferir ataques de cunho eugenista e nazifascista. Mapeamos juntamente com os professores da instituição, chegando a uma conclusão: os alunos que praticam atos de cunho nazista, utilizam esses momentos para afrontar e enfraquecer pautas de cunho progressistas ou que eles consideram desnecessárias.

Diante disso é perceptível um modo de agir do grupo de discentes que praticaram tais atos: 100% dos casos ocorreram em aulas de professores de humanas, ou em eventos de pautas sociais (orgulho negro). Ao serem contestados o porquê de fazerem isso, os argumentos variavam, alguns disseram que era “apenas piada”, outros preferiram ficar calados, mas nenhum assumiu de fato ser simpatizante a ideologia nazista. Ou seja, evidenciando explicitamente a ignorância e a falta de informações acerca da gravidade do caso.

Portanto, desenvolvemos uma pesquisa empírica, percebemos durante esses quatro meses de análise que as atitudes dos alunos tinham como interesse mais em desestabilizar o professor (a) do que propriamente defender atitudes nazistas. Por resultado a turma apresentou uma participação profícua referente ao que esperávamos, possibilitando um debate entre bolsistas e discentes, tornando a temática da aula mais palpável para relacionar com as vivências dos (as) mesmos (as). Obtivemos com nossa experiência que parte dos (a) estudantes conscientizaram-se acerca da seriedade da temática, fazendo com que repensem piadas, discursos, símbolos e comportamentos. Todavia, algo que também ficou evidente é que esses temas precisam estar permanentemente nos espaços educacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atitudes de cunho nazifascistas que ocorreram no ano de 2023 revelam uma banalização de temáticas sérias, pois os estudantes que realizaram tais atos não sabiam discernir o peso de certas atitudes que tiveram. E, todos eles, sequer sabiam que seus atos se enquadram em um crime. Portanto, é necessário um tato maior no ambiente escolar para tratar





da conscientização, sendo assim, revelam a importância de que práticas anti-nazifascistas sejam realizadas com mais frequência, além de demonstrar um claro avanço da extrema-direita na vida cotidiana do jovem estudante de ensino médio. Mesmo que eles utilizem os símbolos e as falas sem saber o significado por trás, os conceitos e as ideias conseguem chegar cada vez mais, através de vídeos, piadas, brincadeiras e redes sociais que fazem parte da vida do discente. Isso evidencia um plano de ações que visa combater e informar as problemáticas desses atos de maneira constante na escola, para que os alunos que chegam do ensino fundamental para o médio nos anos seguintes e os que continuarem no ensino médio nesta escola, saibam a importância de não banalizar tais atos. A Intervenção Anti-nazifascista, evidenciou que de certo modo esse assunto não é tratado com a devida importância, e mesmo hodiernamente, urge debater esse assunto em sala de aula. Assim, nossa atividade tratou a seriedade dessa questão, incitando os alunos ao questionamento e criticidade desses atos.





REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 6 jan. 1989.

McCALL, J. G.; SIMMONS, J. L. *Participant observation and interviewing: a comparison.* (Ed.). *Issues in participant observation: a text and reader.*

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica.* Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

SAVIANI, Dermeval. *A pedagogia histórico-crítica e a educação escolar.* São Paulo: Unesp, 1989.

